

Corpo como Matriz: O desenho como meio de produção de sentidos

AUTOR: KARINA DO NASCIMENTO SOUSA LIMA¹;

ORIENTADOR: NÁDIA DA CRUZ SENNA²;

¹Centro de Artes-UFPEL – ka.nslima@gmail.com

³Centro de Artes-UFPEL – alecrins@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido dentro do projeto de extensão “Desenho da figura humana”, coordenado pela professora Nádia Senna que visa explorar, através da oferta de oficinas dentro e fora da universidade, a discussão acerca das formas de representação da imagem do corpo humano na contemporaneidade por meio do desenho. Ao longo desse primeiro semestre foram realizadas oficinas no Parque Tecnológico, na Escola Estadual Sylvia Mello e também na semana acadêmica das Artes Visuais intitulada CHAMA: A palavra chama as coisas, tais oficinas foram ofertadas para faixas etárias de 7 a 25 anos e abordaram a representação do corpo desde uma linguagem mais lúdica, como as histórias em quadrinhos (no caso das crianças), até um contexto mais estrutural e formal do corpo (no caso das idades mais avançadas).

A proposta deste relato é apresentar como a minha produção em poéticas visuais atravessou minha prática comoicineira dentro do campo do desenho. Para isso, apresentarei os procedimentos utilizados por mim em trabalhos como “Corpo que te cabe” e uma série de pinturas intitulada “À Vista” (ou como antes era apelidada: ‘corpohorizonte’). Para essa etapa, me referencio em Edith Derdyk para contextualizar a representação da figura humana através do desenho como forma de confirmação de sua existência no mundo. Ao mesmo tempo, julgo necessário, apresentar parte do processo criativo explicitando procedimentos, cuja intenção ultrapassa a mera representação do corpo humano para ativar novas percepções.

Nesse sentido, o presente trabalho é um cruzamento entre pesquisa e extensão onde o objetivo é o compartilhamento da minha experiência de captura das imagens do mundo, enfatizando fundamentalmente seus contornos que estruturam sua visualidade, para a partir deles extrair potências de sentido. Pretende-se também comentar a série de trabalhos “Continents” da artista Geórgia Kyriakakis e como ela aplica tal procedimento em suas obras e quais resultados são obtidos para se alcançar o objeto final em sua produção.

2. METODOLOGIA

A metodologia é própria dos projetos baseados em arte. Em função do hibridismo da proposta, compõem aqui materiais, técnicas e procedimentos diferenciados que são elencados conforme as metas traçadas. O desenho metodológico vai se fazendo ao longo do processo, sigo por linhas esboçadas a partir de primeiros encontros com os objetos que apontam caminhos para alcançar modos de fazer e compreender a pesquisa que se desdobra na oficina. Assim, concorrem uma pesquisa documental e bibliográfica que revisou o desenho da figura humana, uma pesquisa criativa que investigou o corpo em relações espaciais estabelecidas em transparências, dimensões e percepções

idiossincráticas. Essa experiência foi sistematizada para ser compartilhada sob a forma de oficina para a comunidade interessada no desenho da figura humana.

Parto do campo do desenho, e é através dele que caminho por outras linguagens como a pintura, escultura e instalação. No ano de 2017 meu interesse se depositou nas maneiras de observar o mundo e de que forma esse olhar era traduzido para as diferentes linguagens. Nesse sentido, me dei conta que em todas as circunstâncias o corpo era parâmetro para a produção de qualquer coisa no mundo, por exemplo: a arquitetura é pensada a partir da estatura normal do corpo humano, bem como os objetos que são extensão de nosso corpo no mundo. Com isso, percebi também que a produção humana permanece mimética, partindo, na maioria das vezes, de nossos referenciais visíveis como o corpo e os objetos. Seguindo essa lógica, no primeiro semestre de 2017, produzi o trabalho intitulado “Corpo que te cabe”, cuja discussão circundava pensar o procedimento de desenhar como uma extensão do próprio corpo, onde o gesto e o atrito estão presentes em todo o processo. A obra consiste em uma estrutura de madeira de 2m de altura por 70cm de comprimento, semelhante a uma moldura, com dois pés com rodinhas. No centro da moldura foi colocado um plástico transparente onde a pessoa desenha. O trabalho discute o processo de imitação que ressignificam as coisas como afirma Edith Derdyk:

“É inerente ao homem, desde criança, a capacidade de reproduzir imitativamente, através dos movimentos corporais, recriando e representando. Talvez a primeira linguagem humana tenha sido a ‘pantomima imitativa’.” (DERDYK, 1991. P.19)

Dos resultados obtidos a partir do procedimento de desenhar sobre uma superfície transparente, percebi que os desenhos obtidos, simplificados e sem fundo possuem uma potencialidade que supera sua matriz. Nesse sentido, minha atenção se voltou para os desenhos extraídos dos corpos humanos e como um procedimento simples de alterar a orientação do mesmo (da vertical para a horizontal), evoca a imagem de uma paisagem. É a partir disso que a série intitulada “À Vista” surge, da extração do contorno do corpo humano o sobrepondo e preenchendo evocando uma paisagem inventada. As obras consistem em molduras de madeiras, onde o mesmo plástico pvc é estendido sobre ela. O desenho é realizado sobre o plástico e logo em seguida é preenchido com tinta acrílica preta, obtendo como resultados relevos orgânicos. A série é composta de 3 pinturas, duas realizadas sobre plástico e uma sobre vidro.

Nesse sentido, as oficinas foram pensadas a partir da intersecção entre o apanhado histórico da pesquisa bibliográfica e a prática poética permeada pela minha produção. Nas oficinas os participantes são orientados a levarem os materiais com os quais tenham afinidade, no entanto levo também os materiais com os quais trabalho os apresento a eles na medida em que explico os objetivos da atividade, sempre enfatizando que, apesar de propor tais exercícios, eles não são forçados a realizá-los, deixando os participantes livres para realizarem suas experimentações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dando continuidade a esse processo de pensamento, procuro sair da bolha de percepções minhas e vou de encontro com o outro. Passo a aplicar esses procedimentos de produção em oficinas. A oficina á qual vou enfatizar rapidamente foi a que apliquei na Semana Acadêmica CHAMA em maio de 2018. A oficina foi intitulada “Desenho da Figura Humana”, contava com uma moleção que posou nua durante todo o processo. O objetivo da oficina, para além de

apenas desenhar a figura era propor para os participantes que extraíssem do corpo outras imagens e sentidos.

No início da oficina conversei com os participantes a respeito da proposta da atividade apresentei os materiais disponíveis para a oficina: molduras com plástico estendido, canetas POSCA, papéis e lápis. A proposta era que as pessoas depositassem seu olhar sobre a modelo e a partir dele, extraíssem o contorno dela. Para isso eles poderiam, tanto realizar o procedimento tomando distância, capturando o todo ou poderiam se aproximar realizando recortes de partes desse corpo. Em seguida, foi proposto que eles transpusessem a forma obtida para os papéis e preenchessem para que se observasse os resultados obtidos.

A atividade é realizada em etapas que configuram um sucessivo processo de redução da imagem, em que tenho como referência direta a artista Geórgia Kyriakakis em sua série de desenhos intitulada “Continentes”. Seu trabalho consiste em desenhos realizados com grafite sobre papel, onde ela parte de fotografias de lagoas. Seu processo consiste no decalque da forma da lagoa com papel vegetal e em seguida na passagem dessa forma para o papel e seu consequente preenchimento. Em um texto a artista comenta um pouco sobre o procedimento:

“Os desenhos são feitos com o que resta de operações, por meio das quais a paisagem é reduzida sucessiva e dramaticamente. Reduções que se iniciam na fotografia – que já subtrai da paisagem a cor, o som, a mobilidade, a amplitude, entre outros elementos – e continuam no descarte dos elementos figurativos da imagem fotográfica quando se processa o decalque. O que sobre ou permanece visível é somente uma linha – a forma/contorno da superfície da água que, descolada de sua matriz, também desaparece e posteriormente surge como uma membrana imaginária.” (KYRIAKAKIS, 2007 p. 165)

4. CONCLUSÕES

Apesar de ter deixado claro a liberdade de atuação de todos os participantes ao longo da oficina, reparei em uma certa resistência da parte de alguns deles, no sentido de, por ser uma atividade pouco comum, se sentirem um pouco acoados com a proposta. Alguns se sentiram mais confortáveis desenhando do modo tradicional (observação clássica), a fim de aprimorar técnicas como proporção e estruturação, a esses dei uma atenção especial orientando e auxiliando em dúvidas.

Quanto aos demais participantes, obtive resultados muito potentes que abrem possibilidades de composição que podem vir a auxiliar na minha produção poética. Ainda esse ano, pretendo realizar mais duas oficinas, sendo uma no Centro de Artes e outra em Caxias do Sul, durante uma exposição em que o trabalho “Corpo que te Cabe” estará exposto. Espero que, com essas experiências, obtenha um repertório de experimentações que me auxiliem a seguir com minha pesquisa dentro do campo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1991.
KYRIAKAKIS, Geórgia. Desenho como matriz. In: DERDYK, Edith. **Disegno, desenho, desígnio**. São Paulo: Senac, 2007.



DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador.** São Paulo: Intermeios, 2012.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: Artografia.** Santa Maria: UFSM, 2013.

6. IMAGENS

1. Corpo que te cabe



2. À Vista



3. Continentes

